

Ano 2018

2 ampulhetas

domus nostra

residência de Estudantes Universitárias



Festa da Família

20 de maio

A ampulheta

A ampulheta

| Índice | Pág. |
|---|------|
| Editorial Madalena Lopes | 4 |
| Sem pressas... Suse Conceição | 5 |
| 1, 2, 3, 4, 5 Jéssica Dias | 7 |
| Tempo Joana Borrvalho | 9 |
| Na Domus mãe da Joana Borrvalho | 10 |
| Quando vim para a Domus Patrícia Rodrigues | 11 |
| Tudo é uma questão de tempo Beatriz Santos | 14 |
| Já passaram 3 anos Pais Beatriz Santos | 15 |
| O Novo Ano Adelaide Espadinha | 16 |
| Um dia para ver a boa luz de Lisboa mãe da Filipa Gomes | 18 |
| Coro da Domus Margarida Bernardo | 22 |
| 20 minutos com Deus Teresa Gonçalves | 23 |
| O que pode fazer a diferença Inês Carvalho | 24 |
| Tudo tem o seu tempo... mãe da Mariana Dores | 25 |
| Hello everybody Soudabeh Zaheri | 26 |
| Convívio Nacional e internacional na Domus Beatriz Garcia | 28 |
| A vida é uma viagem Natália Hoska | 31 |
| Maio, mês das Mães Catarina Negrão | 33 |

A ampulheta

Editorial

Quem sabe se daqui a alguns anos, não estaremos mais arrependidos/as pelas coisas que não fizemos do que pelas que fizemos.

E chegamos a um momento que vemos que a Vida não anda para trás e nem espera pelo ontem.

O momento Presente é precioso e só nele existe o tempo.

Este é o tempo de soltar as amarras,
de nos afastarmos do porto seguro,
de sentir o vento que bate em nossos rostos,
para poder explorar, sonhar e descobrir
que o bom mesmo é viver o presente,
não esquecendo o lado de crescer,
amadurecer,



sem perder a graça de quando fomos crianças,
buscando a espontaneidade, a simplicidade da arte de colorir as nossas vidas.

Vamos crescer se assim o quisermos,
com tudo aquilo que pode transformar as nossas histórias
em histórias ricas de alegrias, risos, conquista e superação,
para que simplesmente possamos colorir as nossas vidas
e fazer dela a arte de viver com o toque da graça pessoal,

transformando cada momento em temas dos nossos caminhos percorridos
mesmo que sejam caminhos tortuosos e difíceis.

Se estamos aqui para fazer história,

O sol brilhou no nosso caminho.

Desejo a todas as Finalistas, que o **SOL** brilhe para todo o sempre,
nos *tempos e contratempos* da vossa vida.

Adap. Poema Cigano Pablo

Madalena Lopes

A ampulheta

Sem pressas...

É bem verdade que tudo tem o seu tempo! Por vezes, não acreditamos nisso e queremos que tudo aconteça depressa, que de um momento para o outro tudo aquilo que idealizámos se concretize, mas tenho aprendido que o melhor da vida não acontece assim. Não devemos ter pressa em nada na vida e devemos desfrutar de todos



os momentos sem pensar no que vem a seguir. Apesar daquele momento parecer o pior, temos de acreditar que algo muito melhor estará para acontecer, lutando sempre pelos nossos sonhos.

Se me dissessem isto há quase 7 anos atrás, não iria acreditar, mas hoje percebo perfeitamente como isto é verdade e que realmente tudo tem o seu tempo.

Se não tivesse vindo para a Domus naquele primavera de Setembro de 2011, muito provavelmente não teria conhecido as pessoas maravilhosas que conheci. Foi graças à minha família, principalmente aos meus pais (meninas agradeçam-lhes) que me mudei para Lisboa naquele ano. Apesar de na altura não perceber, hoje,



vejo que foi a melhor decisão tomada. Aquele primeiro ano em Lisboa foi muito difícil, mas ao mesmo tempo foi um ano de adaptação a uma vida diferente, longe de casa e da família, e a uma nova realidade académica. Foi toda uma aprendizagem de que a luta pelos nossos objetivos nem sempre é fácil. Mas nunca devemos desistir, pois tudo se torna mais simples quando estamos rodeados das melhores pessoas do Mundo! Graças à Domus e às pessoas maravilhosas que conheci, tudo se tornou mais fácil. Naquele primeiro ano, tive a sorte de

partilhar o quarto com 2 pessoas que se tornaram grandes amigas. Na verdade, o nosso quarto não era triplo era mais quádruplo. E que bom que era assim! Foi neste

A ampulheta

primeiro ano que conheci uma das pessoas mais importantes, que se mantém até hoje. Apoiámo-nos sempre e partilhámos muitos momentos.

No ano seguinte, mais duas pessoas, tão especiais, cruzaram o meu caminho. E desde então formámos o célebre quarteto. Já partilhámos tantos momentos juntas, desde sessões de estudo até sessões de novelas e filmes, passando pelo casamento da Tchuna... E que emocionante foi ver a primeira de nós casar. Apesar de estarmos longe umas das outras, a amizade não deixa separar-nos.

Ao longo de todos estes anos na Domus, outras pessoas fantásticas foram surgindo, tornando os dias melhores e mais felizes. Desde a minha inspiradora e brilhante vizinha de cima, até à minha "avozinha" sempre com o conselho correto, passando pela minha Machiquense preferida que tem o dom de me animar sempre e pela minha Carol com quem partilhei tantos momentos dançantes!

A Domus também me trouxe várias afilhadas, cada uma única e especial à sua maneira.

Estas linhas não chegam para colocar todos os bons momentos passados com as gírlzz, mas o mais importante é terem sido partilhados entre nós e terem ficado guardados no coração de cada uma. Ao longo destes quase 7 anos, cresci e aprendi muito com todas estas grandes amigas, guardei em mim um bocadinho de todas e sei que sou melhor pessoa devido a todas vocês. Não é possível



agradecer-vos todos os bons momentos que passámos, mas só vos peço que continuemos a amizade por muitos e muitos anos.

Agradeço às pessoas que me deram a conhecer a Domus e à minha família que me incentivou a vir para cá, não podia ter escolhido melhor sítio para passar estes maravilhosos anos académicos.

Olhando para o ano de 2011, percebo que tinha de ser assim, tinha de vir naquele ano para a Domus para conhecer todas estas pessoas, que se cruzaram no meu caminho e nunca mais deixarão de fazer parte dele.

A ampulheta

Após todos estes anos, percebo que não devemos ter pressa porque muitas vezes isso só nos traz angústia, preocupação e stress. Achamos que há coisas que já deviam ter acontecido e que parece que nunca irão acontecer. Hoje acredito que o que tem mesmo de acontecer acontece, mais cedo ou mais tarde.

Estive 6 anos no curso de Medicina mais um ano em Ciências Farmacêuticas e



parece que estes quase 7 anos passaram num instante. Infelizmente, a vida passa mesmo num instante. Por isso, devemos aproveitar todos os momentos da vida (os bons e os menos bons) para crescermos e sermos felizes.

Acredito que se lutarmos pelos nossos sonhos, um dia chegaremos onde queremos, rodeados das pessoas que escolhemos e que nos escolheram, porque tudo tem o seu tempo!

Suse Conceição

Vila Viçosa / Finalista de Medicina

1, 2, 3, 4, 5... Já?

Quando me perguntam sobre a minha experiência na Domus Nostra, recordo-me sempre do primeiro dia, não só por ter sido a primeira vez que me despedia dos meus pais sabendo que não estaria com eles nos próximos meses, mas também por ser a primeira vez que saía da minha pequena e acolhedora casa para partilhar uma casa e um quarto triplo.

Nos primeiros dias senti-me perdida. Além de estar a partilhar o meu espaço com duas pessoas que mal conhecia, ainda tinha que jantar com pessoas que nem o nome sabia! - «Mãe, porque me deixaste aqui?!».

Mas em pouco tempo habituei-me. Habituei-me a chegar à residência e ter alguém com quem partilhar os meus longos dias, ter uma refeição quentinha e deliciosa

A ampulheta

como a da mamã todos os dias, ter um lar acolhedor, ter na verdade uma segunda casa! E o que tanto custou a começar, hoje custa-me saber que está a acabar.

Hoje, cinco anos depois, não trocava por nada todos os dias que partilhei o meu espaço, não trocava por nada os gelados comidos às escondidas, as pausas de "cinco" minutos no terraço, as batidas na parede para comunicar com as minhas vizinhas, as longas conversas no corredor até ao "Shhhh, há pessoas a tentar estudar", as provas de vestuário no quarto andar, os jantares cheios de "bilhardices", as correrias para conseguir sair antes das 23h mesmo depois dos avisos da Madalena – "hoje não se atrase Jéssica, senão fecho a porta"... E nunca me vou esquecer das conversas com a Tina, os sustos da Tatiana, os pedidos especiais à Cidália, o cantar "Oh Dona Júlia", os desabafos com a D. Eva e de todos os momentos passados com os restantes membros da equipa da D.N. que sempre nos acolheram da melhor forma possível.

Dizem que os anos universitários são os melhores da nossa vida e que fazemos amigos para a vida, mas da Domus Nostra levo comigo as melhores e mais inesquecíveis memórias e não fiz simplesmente amigas, fiz Irmãs, que mesmo a milhas de distância estarão para sempre no meu coração. Porque todas as etapas mais difíceis, conduzem-nos aos caminhos mais felizes.

- «Mãe, quando vou voltar?»



Jéssica Dias

Madeira / Finalista de Ciências de Farmacêuticas

TEMPO

O que dizer sobre ele, se tanto já foi dito?



Ao pensar na passagem do tempo, apenas me ocorre colocar uma questão de tempos bíblicos, mas plenamente aplicável ao tempo atual: «Pois que adianta ao Homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?»

A resposta emerge da mesma fonte: aprender a olhar os lírios do campo, que não fiam nem tecem, e as aves do céu; saber que há um tempo para semear e um tempo para colher, um

tempo para rir e outro para chorar e, sobretudo, confiar que para tudo há uma ocasião certa, que tudo tem o seu tempo.

Como já dizia Fernando Pessoa, «No breve número de doze meses, o ano passa, e breves são os anos...». E, para mim, desde que fui acarinhada na Domus Nostra, o tempo voou!

Cresci durante este percurso, marcado por novas amizades e pelos estudos, por descobertas e aprendizagens, mas também por responsabilidades e adversidades que foi necessário superar. Acima de tudo, na Domus, tive tempo para ter tempo, tive tempo para viver uma das melhores etapas da minha vida que nunca irei esquecer, o tempo em descobrir novos caminhos, conheci novas pessoas, enfrentei novos desafios e investi seriamente no meu futuro. Um tempo que me permitiu concluir um importante passo no meu percurso - ser finalista.

Uma das grandes aprendizagens que aqui fiz, que sem dúvida irei levar para a vida, é que o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas sim na intensidade com que acontecem. De facto, o meu percurso académico beneficiou, desde o primeiro minuto, de pessoas excepcionais, responsáveis por momentos que, com o

A ampulheta

tempo, se tornarão saudade e boas memórias, estas são a alma da nossa casa – a Domus Nostra!

Dante Alighieri afirmava que «O tempo passa e o homem não percebe» e para mim, esta estadia na Domus Nostra foi mais do que uma experiência, mais do que um lugar onde podia descansar e estudar, foi uma casa. Fazendo uma retrospectiva, percebo que foi o lugar onde me senti feliz, onde fiz e reencontrei amizades.

Apenas me resta agradecer a todas estas pessoas que fazem parte desta enorme família que



partilha os mesmos valores, o do amor e da generosidade, da amizade e da entreatuda, que me acolheu na sua casa, fazendo dela uma extensão da minha própria família.

Joana Borralho

Évora / Finalista de História da Arte

Na Domus

Almas jovens
como jovens aves,
aqui se cruzaram e tiveram ninho...
Almas jovens, buscando
um lugar e um tempo
para crescer e ser,
foram acolhidas e acharam lar...

A ampulheta

De olhos no futuro,
Pela estrada do sonho caminharam juntas,
vivendo o dia-a-dia.
Estreitando laços
construíram memórias
de gestos simples e pequenas coisas,
de dias felizes ou
momentos
que, fugazes, voam...
E na ampulheta
ao compasso do tempo,
breves grãos de areia
em fio se escoam...
Um abraço



Isabel Borralho
mãe da Joana Borralho

Quando vim para a Domus, no meu último ano do curso, não sabia bem o que me esperava.



Vivi durante quase 4 anos numa outra residência e, apesar de ter conhecido uma grande variedade de pessoas, que atualmente são grandes amigas



minhas, passei também por momentos relativamente desagradáveis. Mas todos passamos por isso não é verdade?

Vim da Madeira em 2013 com esperanças para o futuro e com vontade de conhecer coisas novas e pessoas diferentes. Se alcancei estes objetivos? Sim alcancei, mas também tive de lidar várias vezes com os problemas que advém com

A ampulheta

a vida de um adulto. Pessoas mal-educadas, stress constante, barulho a toda a hora, aviões a circular meros metros por cima de mim que me deixavam de olho aberto a noite toda; posso dizer que não foi muito fácil para uma rapariga que vinha no sossego da sua ilha e o único barulho que ouvia era do Lobo Marinho que ocasionalmente passava à frente da minha casa. Penso que as raparigas que vieram de locais muito diferentes da cidade irão perceber o que digo. Fui conhecendo muitas pessoas, algumas que me são importantes e outras que nem tanto, porém sinto que todas com quem me cruzei, me fizeram crescer de uma maneira ou de outra. Hoje valorizo o quanto amadureci desde que primeiro pus o pé na faculdade. Digo que não foi fácil porém valeu a pena. Uma situação caricata vindo de uma rapariga indecisa que mesmo no final do curso não consegue dizer se é mesmo aquilo que pretende fazer no futuro.

Antes de entrar na Domus pela primeira vez, a minha mãe costumava gozar comigo e dizia que eu esperei para ser finalista, para ser caloira noutra local, neste caso na Domus.

Não foi engraçado no início quando umas raparigas falaram comigo como se eu



fosse caloira, quando na verdade estou a acabar o curso. Agora olho para essa situação com um sorriso nos lábios. Porém, 5 anos passados e finalmente tenho de sair da concha de proteção em que vivo. Agora tenho de erguer a

cabeça e perder o medo de fazer telefonemas ou marcações para o médico. A vida segue em frente, mas toda a aventura encontrada nestes anos de faculdade estará sempre presente na minha memória.

Deixo assim uma palavra para todas, as caloiras em particular porque ainda estão a aprender a



lidar com o facto de estarem longe de casa. Mesmo que os obstáculos pareçam difíceis de atravessar, nada é realmente impossível se a motivação for o vosso pilar. Comigo resultou e tenho a certeza que com outros também vai resultar. Mesmo que

A ampulheta

a família não esteja presente, o seu apoio é permanente. Estarão sempre prontos para nos “aturar” (estou a usar esta palavra pois é o termo que os meus pais utilizam comigo). Os amigos que vão cultivando ao longo destes anos são também outra base de apoio, que ficam para sempre.

Não fiquem em casa apenas a estudar, pois Lisboa tem muito para se ver e aprender, assim como o resto do território português. Vão à padaria portuguesa só para olhar para os bolos, saiam à noite, experimentem comida que nunca antes pensaram comer, poupem algum dinheiro e vão conhecer um país novo quando tiverem tempo.

Quando o curso estiver perto do fim e começam a ter mais trabalho, e muito do que



desejam ficar por fazer! Quão bom seria, poderem conciliar o stress constante da cidade e da faculdade?!

Se caírem uma vez, levantem-se, e continuem a levantar-se cada vez que caem. Só

vos torna mais fortes. Chatearam-se com uma amiga ou com o namorado por algo trivial e agora não se falam como dantes? Ponham o orgulho de parte, deem o primeiro passo e discutam a situação com pés e cabeça. Se não resultar, interessem-se pelas pessoas que ficaram no final pela embalagem completa e não apenas pela amostra.



Vivam a vossa vida da melhor forma e sejam simpáticas para quem vos rodeia. A minha experiência é positiva, fez-me crescer como pessoa e só tenho a agradecer a todas as pessoas fantásticas que me ajudaram a fazer esse caminho. Nunca as esquecerei nem as experiências, boas e más, que tive. Espero assim que todas consigam ter uma vida académica tão preenchida como a minha e apreciar cada momento dela como uma parte de si!

Patrícia Rodrigues

Madeira / Finalista de Ciências Farmacêuticas

A ampulheta

Tudo é uma questão de tempo



Hoje acordei num quarto estranho, mas tenho aqui todas as minhas coisas e estes são os meus lençóis apesar da cama não ser minha. Sei que tenho de me habituar e que agora tenho de começar a chamar este quarto de "meu"... Correção: "nosso". Porque afinal de contas as outras duas raparigas também estão a passar pelo mesmo que eu.

Acordar cedo porque tenho aulas, mas é mais cedo do que seria necessário porque tenho de ir para a faculdade sozinha e sei que me vou perder algures no caminho e convém não chegar atrasada no primeiro dia.

Ao jantar vamos as três e sentamo-nos numa mesa com mais outras raparigas. Há imenso barulho à nossa volta de conversas e risos de outras mesas, mas na nossa não se dizia muito. Voltamos ao quarto e conversamos um pouco antes de nos deitarmos... parecem ser pessoas simpáticas, talvez nos demos bem!

E de repente passaram-se 3 anos.

Hoje, acordo num quarto diferente daquele primeiro, mas ao qual já chamo meu sem pensar muito no assunto. É mais pequeno que o outro (afinal agora estou sozinha) mas é o meu pequeno espaço.



Acordo quase em cima da hora para ir para as aulas, afinal a faculdade fica aqui perto e sei exatamente para onde tenho de ir. Talvez chegue a tempo, talvez



chegue 5 minutos atrasada.

Chega a hora de jantar; mandamos mensagem umas às outras, começamos a "bater às portas" para irmos juntas. É a hora em que conversamos e contamos o nosso dia, falamos de tudo e de nada, rimos e falamos alto. Às

A ampulheta

vezes não voltamos logo para os quartos e ficamos à conversa nas escadas, outras vezes vamos para o quarto da alma caridosa que nos oferece um sítio para sentar e uma caneca de chá.

Tudo é uma questão de tempo.

E neste caso, foram 3 anos nos quais aconteceram tantas mudanças, cresci imenso e aprendi mais ainda, fiz amizades para a vida e vivi momentos incríveis... e sei que não teria sido o mesmo se não tivesse estado nesta casa, chamada Domus.

Beatriz Santos

Portimão / Finalista de Ciências da Saúde

Já passaram três anos

Já passaram 3 anos, parece que foi ontem que decidimos que a Beatriz deveria ir para uma residência. Quando fomos ver a Domus, ficamos encantados e achamos que seria o sítio ideal para ela poder estudar e estar perto da Universidade.

Quando a fomos levar estava com mais 2 raparigas que nunca se tinham visto, achei que seria estranho para ela, porque nunca tinha estado num ambiente assim...



Mas para nossa surpresa uma semana depois, quando lhe telefonava já ouvia as risadas vindas do quarto e sempre que vinha a casa falava sempre com muito carinho das novas amigas e das pessoas da Domus, o que nos deixou muito felizes.

Fiquei tão tranquila, quando percebi que a minha filha estava tão bem, que estava a fazer amizades para a vida!

Agora que a Licenciatura está a acabar mais uma etapa se segue...o Mestrado, onde a Beatriz continuará junto de todos que tanto a têm apoiado.

A ampulheta

Agradecemos, de coração, todo o carinho e amizade que todos, sem exceção, dedicaram á nossa filha.

Só resta agradecer um bem-haja e que Deus proteja todos.

Mónica e Zito Santos

Família de Beatriz Santos

O Novo Ano

O início de cada ano é sempre um grande momento. Entre trazer malas, arrumar o



quarto, despedir de algumas pessoas, cumprimentar pela primeira vez em tanto tempo outras, entre as primeiras aulas e os últimos dias sem trabalho, quase não há espaço para respirar, quase não há tempo para parar. Acreditem em mim, que já aqui ando há 4 anos.

Mas é sempre no começo que as coisas boas vêm. E uma das coisas que mais gosto de ver chegar a esta casa

são as caloiras. Novas pessoas, novos sorrisos que ainda vêm um pouco a medo, a experimentar pela primeira vez o que é estar longe da família e de casa, mal sabendo que é uma nova família que as recebe de braços abertos.

E é neste sentido que se desenvolvem atividades na Domus, sendo uma delas a Praxe. Desde há dois anos



A ampulheta

que tenho organizado, em conjunto com os representantes do Pio XII e da RUF, todos os momentos que constituem esta atividade, desde o Exame de Admissão à Domus à Festa das Caloiras, passando pela Serenata, pela Festa do Pio e pelo Tribunal. O objetivo é simples: receber as novas meninas com quem vamos partilhar alguns anos da nossa vida, darmos a conhecer as que já cá estão e principalmente promover a interação entre aquelas que chegaram. As amizades constroem-se desde cedo e a Praxe ajuda a plantar as suas raízes. Não posso deixar de dizer que, há medida que tento ensinar tudo o que já sei, as caloiras ainda são capazes de me ensinar ainda mais com o mesmo carinho e entusiasmo.



Mas as atividades não ficam por aqui. Terminado a praxe e entrando na monotonia da rotina que se cria a cada ano,



começa a fazer falta mais momentos de partilha, de conversa e de festa. É aí que entra a Festa de Natal. Com a sua parte lúdica, mas



que nos deixa sempre a pensar profundamente, que nos ensina sempre uma lição, a Festa de Natal da Domus, que tive o prazer de apresentar este ano, torna-se uma atividade que introduz algo novo e que mais uma vez une as pessoas, as novas e as que já cá estavam.

Durante todo o ano existem ainda mais atividades, tantas que seria difícil mencioná-las a todas. Uma coisa é certa: não existe um período de tempo sem que haja algo de diferente para fazer. Cada atividade em que se participa, enriquece-nos, tanto

A ampulheta

a nível académico como a nível pessoal e torna diferente o tempo que passamos aqui na Domus. Mal posso esperar para ver o que o novo ano nos irá trazer!

Adelaide Espadinha

Portalegre / 4º ano Ciências Farmacêuticas

Um dia para ver a Boa Luz de Lisboa



Em maio do ano 2017, a certeza de que a Filipa iria fazer o Mestrado em Psicologia Comunitária em Lisboa, tornou-se realidade. O medo do

desconhecido aliado à necessidade de seguir novos rumos, transformou a vida de toda a família! A tarefa de escolher o alojamento perfeito tornou-se facilitada com o uso da internet. Depressa se foram eliminando hipóteses e fomos aproximando do que realmente queríamos; afinal de contas, tratava-se de encontrar uma extensão do nosso lar, um braço que se estendia até ao outro lado do Oceano! E que distância... há uma imensidão de diferenças entre viver numa ilha e viver numa cidade cosmopolita como Lisboa. Para alguns madeirenses, viver fora da Ilha é como um peixe se sente fora do aquário! Não há outra hipótese de transporte senão o avião, não podemos dar um saltinho a casa no fim de semana para abraçar a família e levar as marmitas cheias de comida caseira para ir saboreando durante a semana... Por isso, tínhamos de providenciar à Filipa o ambiente mais aproximado à nossa casa, o mais perto possível do ISCTE, porque o seu Mestrado seria à noite e com a supervisão de alguém que lhe pudesse prestar o apoio

A ampulheta

necessário. E a escolha recaiu sobre a Domus Nostra! Desde a troca de e-mails à nossa visita em julho, foi uma tarefa facilitada pela simpatia e acolhimento da responsável D. Laura. Apesar dos contratemplos de uma viagem atrasada pelo mau tempo na Ilha, o que nos fez ter ainda menos tempo do que o previsto, a visita às instalações da Domus em julho só me fez ficar com maior certeza de que seria este o local do novo lar da Filipa. Regressámos a casa com a segurança e alívio de ter encontrado a casa certa. No dia 20 de setembro, partimos para Lisboa com nervosismo e com a mala cheia de pontos de interrogação e muitos “se”. Na Madeira ficava a família, a casa, o namorado, os amigos, o porto seguro. A minha outra filha mais velha já tinha feito esta viagem em 2012 e, infelizmente, as saudades falaram mais alto e a sua passagem por Lisboa tornou-se mais curta do que o esperado. Por isso com a Filipa, estávamos mais apreensivos. Mas a andorinha, como costumamos chamar-lhe, precisava de abrir asas e voar! Tínhamos de dar tempo ao tempo e se algo não deu certo no passado, não quer dizer que não dará no futuro. E o seu futuro esperava-a, era altura de cortar amarras e se tornar independente. Apesar de ficar em Lisboa com ela durante uns dias, incentivei-a logo a se tornar autónoma. O desapego custa muito, sobretudo para uma mãe galinha como eu! Quando soube do passeio programado pela Domus Nostra, para conhecermos Lisboa no dia 23 de setembro, achei que era a oportunidade ideal para a Filipa conhecer outras residentes e também descobrir os encantos de Lisboa. Fui a única mãe a ir ao passeio, mas senti-me incluída no grupo. A Diretora da Domus, Dra. Madalena Lopes e a sua amiga Dra. Teresa foram as nossas guias e ao mesmo tempo as responsáveis por criar laços no grupo. Fomos até Belém e admirámos a imponência do Mosteiro dos Jerónimos e no Padrão dos Descobrimentos tirámos fotos para recordar. O



A ampulheta

dia estava solarengo e nos jardins adoçámos o paladar com os famosos pastéis de Belém; conversas foram sendo desenroladas, reflexões, partilhas e troca de conhecimentos foram percorrendo o grupo, tornando-o numa Família.

Gargalhadas, risos e muita brincadeira em dinâmicas de grupo criadas em determinadas ocasiões, fizeram-nos aproximar umas das outras. Não éramos muitas e havia participantes de diversas regiões e até de outros países. Houve entreaajuda, espírito de camaradagem e mesmo com culturas diferentes, ninguém foi posto de parte. Na parte da tarde, num passeio muito agradável de ferry, fomos até à outra margem do Rio Tejo e visitámos o Santuário do Cristo Rei. Para mim foi a cereja no topo do bolo! Para além de poder desfrutar de uma vista “de cortar a respiração” sobre Lisboa e o Tejo, fiquei com uma sensação de serenidade e ao mesmo tempo de “pequenez” perante tamanha grandiosidade. É sem dúvida um local bem



sosegado que nos transmite paz. Fomos convidadas a fazer uma reflexão sobre o dia passado e partilhámos a nossa opinião. Era hora do regresso a casa e apesar do cansaço físico, a nossa alma vinha cheia de

recordações. Foi um dia muito bem passado e gostei de ter participado.

Quando a Dra. Madalena Lopes me pediu para contribuir para o Jornal da Domus e referiu que o tema era a “Ampulheta: Tudo tem o seu tempo” tive a certeza de que nada acontece por acaso e tem tudo a ver com esta etapa da nossa vida. A ampulheta é o símbolo que lembra que o tempo voa, mas é preciso ter paciência e aprender que tudo tem o seu tempo. É preciso dar o tempo necessário para plantar, para crescer, para florescer. Cada flor tem o seu tempo para florescer e as pessoas também! Sei que em breve, se Deus quiser, esta etapa de separação, lágrimas, ansiedade e saudade tornar-se-á no período de colheita, de alegrias e sensação de vitória e dever cumprido. Tudo tem o seu tempo!

A ampulheta

Aproveito a oportunidade para agradecer à Domus por ter acolhido a minha andorinha e de ter sido o novo ninho neste período da sua vida.

Mãe da Filipa Gome

Madeira / Mestrado em Psicologia

CORO DA DOMUS



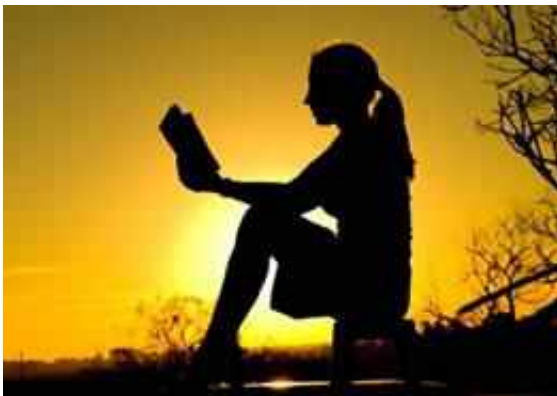
Outubro
Dezembro
Março
Maio

Ensaios para
OS MOMENTOS SIGNIFICATIVOS
NA VIDA DA DOMUS

Prova Cega
You can do it !!!

21h

Alternadamente,



Para quem 20 minutos com Deus é proposta de descoberta de si mesmo(a), busca do sinal **MAIS** na relação consigo, com Deus e com os outros.

A ampulheta

Na Domus Nostra não só estudamos, como também cantamos!

Sabias que existe um coro na Domus Nostra? Sim, é verdade! Quando não estão a estudar, algumas estudantes da Domus gostam de ir cantar e tocar juntas para animar as missas realizadas na residência.

Os ensaios são momentos divertidos e animados, nos quais são partilhadas várias ideias de cânticos e vai-se aprendendo umas com as outras. Após a escolha dos cânticos, estes são ensaiados várias vezes até estarem prontos para serem cantados e tocados na missa. Nem sempre é fácil, pois alguns são mais difíceis que outros, mas com dedicação todas conseguem aprender.

O objetivo do coro da Domus Nostra é dar vida e cor às missas, pois uma missa sem cânticos e sem música torna-se mais "triste", e porque cantar é rezar duas vezes.

O coro da Domus é ainda pequeno e está sempre disponível para receber mais estudantes da residência que gostem de cantar ou tocar o instrumento, por isso, não hesites e junta-te ao coro!

Os ensaios decorrem às quartas-feiras, das 21h às 21h 45, na sala do 1º andar.



Margarida Bernardo

Vila Nova de Milfontes / 2º ano Ciências da Comunicação

A ampulheta

20 minutos com Deus



Para mim este tempo que é promovido aqui na Domus tem sido um bom exercício para me lembrar de Deus, especialmente entre os estudos. Nunca tinha pensado nesta ideia, fazer uma pausa de 20 minutos entre o estudo (como uma qualquer que

faço) mas para rezar. Rezar! Tipo, lembrar-me de dedicar o meu estudo a Deus. Lembrava-me disto na altura dos exames ou quando o trabalho apertava mais. Mas no decorrer do ano letivo, no estudo do dia-a-dia, no meio das pesquisas ou dos exercícios que afinal não estão bem e tenho que apagar e fazer tudo do início... acho simplesmente brilhante.

Senhor, olha, é para Ti. O pouco ou o muito que eu hoje trago neste momento, nestes 20 minutos em que não me sinto sozinha no meu stress "porque não vou conseguir", porque olho à volta e vejo que há outras sentadas aqui ao meu lado, que também Te procuram no meio dos trabalhos e preocupações da faculdade e, se calhar, querem algo mais.

Quero entregar-Te o meu estudo, o meu trabalho.

Dá-me força para continuar, para não desesperar completamente.

Dá-me luz durante os testes e apresentações através do Espírito Santo, para não ter uma branca e esquecer-me das coisas que estudei durante tantas horas e noitadas.

Peço-Te isto, não para meu próprio proveito, mas para ser realmente uma boa profissional no futuro, que saiba trabalhar para servir os outros da melhor forma. Ou já nestes dias também, ajuda-me a ter paciência nos trabalhos de grupo, a aceitar quem pensa diferente para chegarmos a um consenso, a saber estar presente nas aulas e a não procrastinar todos os dias. Ámen.

*Teresa Gonçalves
Santarém / Serviço Social, UC*

A ampulheta

O que pode fazer a diferença



Vivemos num mundo em que a corrida contra o tempo é surreal. Corremos porque o despertador não tocou e estamos atrasados, corremos porque o semáforo ficou vermelho, mas não podemos esperar, corremos porque não estudámos o suficiente para um exame e não nos podemos dar por vencidos... corremos tanto que, por vezes, damos por nós a correr sem sentido. E no meio desta

correria e stress diários damos por nós a pensar que não temos tempo para nada, nem para estar com quem amamos nem para orar a Quem e por quem nos ama. Porém, muitas vezes, temos consciência que até conseguimos ter tempo para Deus, mas não sabemos como usufruir dele. Este foi um dos meus grandes problemas, queria rezar, queria estar junto de Deus, mas não sabia como fazê-lo, nem onde fazê-lo. Soube da iniciativa da DOMUS NOSTRA que se chama: "20 minutos com Deus" e decidi experimentar. Subi até ao sexto andar, onde está uma capela simples, mas humilde e acolhedora. Entrei e sentei-me no chão. É realmente mágico que no meio dos nossos estudos (muito intensos por vezes) consigamos reunir-nos todas e simplesmente orar em conjunto, ou individualmente, refletir sobre o nosso papel enquanto cristãs, sobre o que falhámos, o que fizemos bem, e no meio disto tudo ainda conseguimos rezar e entregar os nossos problemas e frustrações a Deus, tirando de nós aquilo que nos pesa e nos preocupa. Mas, o que eu, até hoje, não consigo explicar é a sensação de paz com que saio da capela... e só "gastei" 20 minutos do meu dia. Deus parece às vezes



A ampulheta

esquecer-se de nós (mas nunca esquece, nós é que nos esquecemos Dele!) e parece deixar-nos sozinhos, sem a sua proteção, mas eu tenho a certeza que Ele está sempre connosco naqueles mágicos 20 minutos. E ao longo das várias sessões fui-me apercebendo que Deus não exige que façamos orações extensas ou complicadas, basta que dediquemos um pouco do nosso tempo para tal e que nesse bocadinho, que pode ser 1 segundo, 1 minuto, 1 hora, sejamos nós mesmos e nos entreguemos a Ele, pois Ele, melhor que ninguém cuidará de nós.

“A Oração torna os nossos corações transparentes e só um coração transparente pode escutar a Deus” – Madre Teresa de Calcutá

*Inês Margarida Carvalho
Estremoz / 1º ano Medicina*

TUDO TEM O SEU TEMPO...



Tudo tem o seu tempo... mas... quando os minutos parecem horas, as horas parecem dias e os dias parecem anos e a distância que nos separa da ampulheta, do relógio do tempo, não nos está acessível, visível aos nossos olhos, fugindo ao nosso controlo, o que fazer? O tempo tudo trás, leva, transforma... mas a verdade é que o tempo não volta atrás! Tudo na vida tem o seu tempo, e o tão

desejado, mas simultaneamente temido setembro de 2018 chegou. As incertezas, inseguranças, receios e muitas vezes medos de deixar o nosso amor maior entregue a quem, com quem, onde... como que se desvaneceram quando a porta se abriu depois de tocar a campainha da DOMUS. O espaço amplo, o jardim que se vê através de uma das salas de estudo, a lareira... *“se não fosse o barulho dos aviões? – pensei para comigo! quase que é o prolongamento da nossa casa. Uma Igreja dentro de casa pensei! Que bom! Assim mais facilmente fica perto de Deus se se sentir desprotegida!”*. Deixar a nossa filha na DOMUS deu-me alguma tranquilidade,

A ampulheta

porque senti que de alguma maneira havia neste espaço o prolongamento de valores com os quais a nossa filha cresceu... Deus, fé, regras, respeito, carinho, aconchego, tranquilidade, partilha, aceitação, amizade independentemente de todas as suas qualidades e ou defeitos. E o nosso amor de pais onde fica? Como mantê-lo com o tempo, com a distância? Ah! Esse amor pela nossa filha não tem barreiras, fronteiras, distâncias... não há tempo não há ampulheta que o possa contar! É para sempre! Enquanto nós vivermos amar-te-emos com todas as nossas forças. Quero agradecer a Deus por ter aberto as portas da DOMUS para a nossa filha nesta nova etapa da sua vida. Quando é Deus a abrir as veredas do caminho, os obstáculos transformam-se em caminhos de **Doação; Oração; Milagre; União; Serviço.**

Obrigada é tão pouco para agradecer tão grande serviço! Obrigada Deus, obrigada Madalena e obrigada a todos os que tornam possível o bom funcionamento desta casa de família.

Bem hajam!

Maria João Does

Mãe de Mariana Does, Castro Verde, 1ºano de Medicina UL

Hello everybody, my name is Soudabeh, I am from Iran.

I am happy that I have this chance to write for newspaper of Domus Nostra.



Since February 2018 I have been here, and I can tell you that Domus Nostra is a very good place to stay. First, you will feel comfortable and relaxed here, and as much as possible, your comfort and comfort equipment will be provided. Second, the law and order are well established here. Third, Friendly atmosphere and most important the director Ms. Madalena Lopes make this place more than a dormitory , it is better to say you feel that you are in your

second home.

A ampulheta

As long as you are here, you are a member of a big family, no matter what is your mother tongue, which religion you have, you are a girl of Domus.

During this short stay I have lots of good memories and I just want to mentioned one of them, as I mentioned before I am from Iran and in my country new year is different from most countries around the world, In 20th of March (that is Persian new year) I received a good gift from my dear Madalena, she knew that about new year in my country and she prepared a special lunch and ask me to join her, and in this case we celebrate Persian new year together.



I want to thank my dear Madalena, and also all other staff here, I do not want to mention a particular name here because I do not want to forget anyone. But I thank all those involved in this place for all the goodness of their kindness.

Warm wishes,

Olá a todos, o meu nome é Soudabeh, sou do Irão.

Estou feliz por ter a oportunidade de escrever para o jornal da Domus Nostra.

Estou cá desde fevereiro de 2018 e posso dizer-vos que a Domus Nostra é um local muito bom para se ficar. Primeiro, aqui sentir-se-ão confortáveis e relaxados, e, tanto quanto possível, o vosso conforto e equipamentos propícios ao conforto irão ser-vos providenciados. Segundo, cá, regras e ordem serão bem estabelecidas. Terceiro, a atmosfera amigável e, sobretudo, a diretora, Madalena Lopes, tornam este lugar mais que um simples dormitório, podendo melhor dizer-se que se sente estar numa segunda casa.

No decorrer do tempo em que cá se está, é-se membro de uma grande família, e, independentemente da língua nativa e da religião, é-se mulher da Domus.

Durante esta curta estadia, tenho muito boas memórias pelo que quero mencionar uma delas. Tal como falei anteriormente, sou iraniana e no meu país a celebração do ano novo diverge da maioria dos países.

A ampulheta

No dia 20 de Março (o ano novo Persa) eu recebi uma boa prenda da minha querida Madalena que, ciente do ano novo Persa, preparou um almoço especial e pediu que me juntasse a ela, e assim celebrámos juntas o ano novo Persa.

Quero agradecer à minha querida Madalena, e igualmente ao grupo de funcionárias que cá trabalha. Não mencionarei nomes em particular pois não quero cair no erro de me esquecer de alguém. Mas, agradeço a todos aqueles que estão envolvidos neste lugar pela bondade e pela gentileza.

Calorosas felicitações.

Soudabeh Zaheri, Irão, Doutoramento, Estudos Ingleses e Americanos

Convívio Nacional e Internacional na Domus Nostra

No meu último ano da licenciatura em Geografia e História na Universidade de



Salamanca, comecei a pensar o que seria da minha vida quando o ano académico acabasse e chegasse o mês de outubro, e não mais houvesse «escola» para mim. Não deixava de ser um momento preocupante se temos em consideração que desde crianças assistimos à reabertura das aulas depois da temporada estival num ciclo que parece não ter fim. De repente, tudo parecia acabar. O

que fazer então? O futuro apresentava-se com uma certa vertigem e eu resolvi adiar a minha entrada no mundo laboral tentando outras possibilidades, entre elas, continuar com os meus estudos fora de Espanha, em Portugal. Foi uma decisão meditada e a eleição de Coimbra esteve sustentada numa análise racional misturando motivos académicos, económicos e pessoais, que mudou a minha vida para sempre. Não estava consciente disso até muito mais tarde, quando já possuidora de alguma bagagem vital podia olhar para atrás com tranquilidade.

Chegada, pois, à centenária Universidade de Coimbra ao abrigo do programa Erasmus, no convívio com os estudantes nativos e estrangeiros aprendi a ver as coisas no seu contexto, não apenas temporal, como os meus mestres me ensinaram num curso baseado na cronologia, mas aprofundando no espaço. A combinação

A ampulheta

de ambas as duas variantes leva ao enquadramento dos sucessos sob o ponto de vista cultural, o que permite relativizar os acontecimentos superando uma restrita visão localista. Darei um exemplo.

Para nós, espanhóis da geração nascida nas décadas de 60 e 70, a Guerra Civil de 1936 a 1939 e o posterior regime autoritário, que vigorou entre 1939 e 1975, que os nossos avós e os nossos pais viveram e sofreram, é um elemento de desgarramento emocional ainda hoje muito presente nas nossas vidas. E, sem dúvida, um trauma coletivo sem equivalente mundial. Será? De certeza? Sem equivalente «mundial»? Então Portugal também não sofreu o seu próprio regime autoritário, a Alemanha e a Itália o nazismo e o fascismo, e a Europa a Segunda Grande Guerra? Não foram também estes acontecimentos desgarradores para a vida emocional dos seus habitantes, não mais os marcaram «à ferra» na alma profunda dos povos? Ouvindo falar os meus colegas não gerei uma resposta de desvalorização da história de Espanha — ou de hipervalorização dela, como também tive ocasião de verificar na adoção por alguns de um nacionalismo reles — mas de reconhecimento do «outro», e descobri quão semelhantes somos, as pessoas no espaço e no tempo, mas também quão diferentes. Para além de uma aprendizagem académica foi uma aprendizagem para a vida, que me permitiu equacionar melhor as minhas muitas limitações. Julgo que já eu era uma pessoa respeitosa e prudente, ou tentava ser, ainda que nova e inexperiente nos meus juízos de valor, mas a partir desta experiência vital, aprendi a ser mais tolerante, mais empática perante as circunstâncias do outro, até nas coisas pequenas da vida quotidiana, talvez porque já me vi em situações em que precisei da ajuda de desconhecidos e sou capaz de as reconhecer em pessoas alheias.

A diferença faz-nos, também, extremamente divertidos. Em Coimbra passei os anos mais felizes de minha vida. Os meus amigos espanhóis, conhecedores da capacidade de destruição da cidade académica para os que nela se deixam atrapar na vida fácil dos convívios noturnos, dizem-me amiúde que eu sempre tive o melhor de Coimbra. E eu concordo com eles, talvez porque nunca me desnorteei dos meus objetivos académicos desfrutando desse tempo feliz e com poucas

A ampulheta

preocupações. Os meus amigos portugueses, esses, algum deles mesmo coimbrão, não deixam de se surpreender do meu amor por uma cidade maravilhosa.

Habituada à história e à cultura de Portugal, depois de tantos anos de estudo que faz com que se tenha tornado quase tão familiar quanto a história e a cultura de Espanha, algo disso voltei a encontrar na Domus Nostra. Como residência de estudantes universitárias e aberta à receção de alunas não apenas portuguesas, mas de outros países num mundo chamado com algum acerto de «aldeia-global», é fácil encontrar aí pessoas do Brasil, Angola, Polónia, Turquia... e Irão. Cada uma delas e todas ao mesmo tempo, com as suas peculiaridades linguísticas ou na expressão das vivências do dia a dia, refletem modos culturais diversos. Neste sentido, por idade e, talvez, pela bonomia do seu carácter, gostava de salientar a recente chegada de uma pessoa excepcional, Soudabeh Zaheri, estudante de pós-graduação na Universidade de Lisboa, que se tem tornado motivo de descoberta de um mundo menos habitual nas vidas de cada uma de nós, cidadãs europeias, às vezes demasiado pouco viradas para o contato com outras realidades, que apenas a presença — no meu caso — por afinidade cultural do Brasil, Angola ou Moçambique, ou do mundo do âmbito hispânico, permite ultrapassar. Isto poderia não ir mais além de um elemento circunstancial, limitado no tempo e com pouca trajetória, mas o que me faz pensar que algo se deve estar a mexer neste mundo sempre complexo em que vivemos é que, há dias, na minha recente deslocação a Madrid com motivo de um encontro académico, tive a oportunidade de ouvir a análise de um professor entorno do diferente tratamento no jornalismo espanhol de dois conflitos na Ásia central, o da Síria e o do Líbano. O debate posterior aprofundou nas disputas na região e o seu impacto na União Europeia, o que motivou de novo a aparição do Irão no seio da discussão científica. Talvez esta movimentação académica de pessoas novas, procedentes do todo o mundo, a formarem-se na Europa, esteja a desenvolver um projeto de convivência mundial semelhante àquele que contribuiu para a criação do sentimento de uma cidadania comum entre os habitantes da União Europeia, projeto ainda em construção com os seus avanços e recuos. Estou a referir-me ao programa Erasmus, alargado ao chamado Erasmus-Mundus, mas que até agora tinha contemplado apenas a

A ampulheta



estudantes do continente americano, quer de língua portuguesa e espanhola, quer inglesa. E nós europeus temos, julgo eu, uma responsabilidade, como lugar privilegiado de desenvolvimento das liberdades e dos direitos dos indivíduos, para com os cidadãos de outros países fora do nosso espaço de influência, mas

que partilham connosco as mesmas ideias de tolerância e respeito perante a diversidade. Espero e desejo que estejamos na origem de uma mudança na governação mundial, cujas consequências não serão, certamente, a curto, mas quiçá a médio prazo.

Não devemos cair na falta de valorização do labor desenvolvido por instituições aparentemente de restrita influência local, como a residência de estudantes universitárias Domus Nostra. O seu impacto vai mais além de servir de refúgio e acolhimento para quem se desloca a estudar fora da sua cidade de origem, porque olhando com atenção para o que acontece entre as suas paredes, verificamos que se tem tornado espaço de alargamento do marco vital das pessoas que nela temos a sorte de habitar.

A celebração da Festa das Famílias

muito contribui, neste sentido, a reforçar este tipo de vínculos através do convívio entre elas. É por isso que muito agradeço ter a oportunidade de esta partilha. Muito me têm ensinado no âmbito da tolerância



e do respeito a que antes me referia. Eis uma das minhas limitações que elas, sem o saber, ajudam todos os dias a corrigir.

*Beatriz Peralta Garcia
Espanha / Investigação*

A vida é uma viagem



Era 2012, Setembro, quando vim para Portugal pela primeira vez.

Depois de passar um ano como aluna de Erasmus e conviver com as pessoas da Domus, voltei para a minha terra, Polónia.

Em 2014 surgiu a oportunidade de voltar para Lisboa mais um tempo, para

realizar o estágio na FCUL sobre o tsunami.

Entretanto concluí o Mestrado e entrei num estágio na Galp.

Domus é um lugar especial, onde se fazem amizades para a vida toda. Onde nos sentimos em casa.

O terraço, espaço para estender a roupa; aviões a passar a toda a hora; ventania de tal ordem que faz a roupa voar por Lisboa inteira. Tudo isto dá um encanto especial a este espaço da Domus. Domus. É casa. Casa, onde cada uma de nós pode sentir-se bem e segura.

Os últimos três meses passei no Rio de Janeiro para fazer um estágio. Longe da Polónia, longe de Portugal.

O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa, mas também é uma cidade de contraste. Contraste entre a pobreza e a riqueza. Junto às lojas para ricos, dormem as pessoas sem abrigo. Dormem por lado todo: nas praias, em frente dos restaurantes, na entrada do metro...

Uma vez, fui jantar com os amigos e não consegui comer tudo. Pedi para levar e no caminho para o hotel, encontrei uma senhora que reparou no saco com a "marmita". Perguntou-me: Posso ficar com essa comida? Respondi: Claro!

Depois de momentos assim, pergunto-me a mim própria: Quanta sorte eu tenho na vida!? Posso sair para comprar comida e escolher o que me apetece ou convém.

A ampulheta

O Rio é uma cidade muito viva, onde as pessoas são acolhedoras. É fácil fazer amizades e viver feliz. Mas esta felicidade pode acabar de um momento para o outro. A vida para muitas pessoas, no Rio, não vale nada. A atenção está sempre virada para a forma de assaltar as pessoas, sobretudo quando entramos, sem perceber, na zona deles, conhecida como “favela”. Favela. Esta palavra mete medo, porque está associada a drogas, tiroteios e maldade. Mas a maioria das pessoas que vivem nas favelas são as pessoas que trabalham e não têm o dinheiro suficiente para viver nas outras zonas do Rio.

O Sr. Zé. Taxista. Uma pessoa com o coração cheio de amor. Tem duas filhas e vive na Jaquarezinha. Uma das favelas mais perigosas. Quando ia de táxi para o escritório, e o Sr. Zé me deixava junto à porta do prédio, dizia sempre: “Fica com Deus”.

Acreditar. Fé é uma força que põe estas pessoas a viver e a andar cada dia.

Voltei para Lisboa e olho para as coisas de maneira diferente. Valorizo mais o facto de poder andar sem medo. Sem o medo de que algo de mal vai acontecer.

Às vezes é bom passar algum tempo no lugar completamente diferente do nosso “dia a dia”



para perceber melhor a vida, e ver que o mais importante é conhecer-me melhor a mim própria e perceber melhor as diferenças que a vida contém.

Parabéns às Finalistas deste ano.

*Natália Hoska
Polónia / Geologia*

A ampulheta

Maio, mês das Mães!

Este é o mês que lembra as mães!

Mãe, diz numa das definições do dicionário que é aquela "mulher que cria e educa criança ou adolescente que não foi gerado por ela mas com quem estabelece laços maternais(...)!"

E este é o texto que lembra as mães Domus!

Este é o texto que lembra o doce e carinhoso, matinal e maternal, "Bom dia!" que a mãe Vina nos dá pela manhã - reparando os olhos que esta noite dormiram tão mal, e estranhando a nossa demora nalgum dia em que o despertador não tocou!

A doce Vina que nos prepara o chá, o café e o leite quente. Que recebe o pão que o padeiro trouxe logo antes do sol saber que seria dia! A Vina que vem de manhã cedo com o seu pequeno Dinis, que dorme no sofá enquanto não são horas da escola!



A mãe Dona Maximina, cuidando da capela, das flores e rezando por cada uma de nós! Uma resistente!

Lembra a energética Tatiana e a sorridente Gina, que de esfregona, balde, detergentes e luvas deixam cada andar desta casa numa casa a que sabe bem chegar! Limpam o que algumas de nós não sabem cuidar. E fazem-no com um gigante brio, de nos quererem ver "sentir em casa". Trocam dedos de conversa connosco entre as correrias do dia-a-dia! Um beijinho à Deolinda que ao fim de muitos anos deu lugar à Gina! Da Tatiana levo a alcunha de furacão, de flor e sempre de menina - diz-me sempre que os anos não passam por mim! Pergunta pela

A ampulheta

avó, pela mãe, e se vou a casa no próximo fim-de-semana! Se digo que fico cá, diz-me logo prontamente, em jeito de brincadeira (como sempre) “cá estarei para te servir!”

Às noites tínhamos a Dona Júlia no PBX, a quem cantávamos “Oh Dona Júlia” (adaptação da música “Anna Júlia” de Los Hermanos). A Dona Júlia que nos dava conselhos de costura e que nos dizia uma doce Boa Noite! Agora só a vemos nas noites do fim-de-semana! Deixa tantas saudades. Temos cá a Isabel, de tarde e de noite, também sempre simpática e elogiando os meus mil lacinhos! Às tardes dos fins-de-semana encontramos a carismática Dona Eva que nos recebe com um “tá boa?” e que quando lhe reenviamos a pergunta oferece um alegre “eu cá também estou sempre boa”!

Este é o texto que lembra as mães cozinheiras, de avental branco e touca sexy!

A mãe mais velha, Dona Angelina, sempre pronta para a gargalhada, e que já cozinhava para a minha mãe e que ainda faz o famoso Bacalhau à Brás que a minha mãe recorda com um crescente apetite! Uma peça de Mulher!

A mãe Cristina! Com o seu sotaque doce e característico! A mãe Cristina que é irmã da Vina e da Tina (desta ainda não falámos!); A mãe Cristina que é um doce de mãe...a quem eu suplico pelo Polvo à Lagareiro, que só como nesta casa. A mãe Cristina, que é uma força da natureza e mesmo com dois filhos extraordinários ainda vem aturar esta centena de filhas Domus! A mãe Cristina com quem sabe sempre tão bem conversar!

A mãe Cidália que é o braço direito da Tina ao jantar! Depois de ter moído a sopa toda a tarde! E de ter lembrado as restrições alimentares de algumas! A Cidália a quem meto a cunha quando já me apetece tanta aquele extraordinário Arroz de Pato – “podia vir na ementa para a semana, Oh Cidália!” A Cidália de quem sentimos tanta falta quando ela foi ser Mãe da Vitória! A Cidália sempre atenta e sempre bem-disposta, mesmo naqueles dias de nevoeiro interior!

A mãe Rodica, apaixonada pelos pimentos! Escondida durante a semana na cozinha, mas em fins de semana alternados lá vem dar o ar de sua graça a cada uma de nós!

A ampulheta

Bem, este texto podia acabar agora, mas teria faltado a Mãe mais importante! A mãe que ralha quando as coisas estão mal! A mãe que se chateia! A mãe que não tem papas na língua e que mantém esta casa funcional! A mãe que também chora connosco! A mãe que também nos abraça! A mãe que nos faz rir! A mãe que apaga todos os fogos! É mãe no PBX - "chegou uma encomenda para ti, Oh Dra. Lacinhos!", "onde é que ela vai hoje de vestidinho?", "olha que vai chover, leva guarda-chuva!", "Oh Negrão, olha que hoje está frio, leva um casaco!" - juro que já voltei ao quarto muitas vezes para seguir estes conselhos e nunca me dei mal! A mãe que quando chegamos a casa nos diz "mas que cara é essa?!", quando vínhamos a pensar naquilo que não nos deixa felizes! A mãe a quem confiamos muitos lamentos! A mãe que se lembra e que pergunta tantas vezes pela Minha Mãe! A mãe que nos serve o jantar, tentando que não desperdicemos comida em vão! Esta é a Tina! De feitio torcido nos dias que tem de ser e de sorriso largo quando assim o merecermos! (Nisto somos tão parecidas...será por isto que gosto tanto de si?!) É dura? É! Uma Grande Dura! (Não mude por favor e nunca nos deixe por favor!)

São estas as mães que nos fazem bolinhos no Natal e o tão esperado chocolate quente - que aquece todos os corações! São estas as mães que nos preparam o diário jantar e nos brindam com doce às quartas-feiras! São estas as mães que nos fazem sentir em casa! São elas as mães que há meses preparam a festa que hoje celebramos!

São elas que deixam saudade! São elas as que nos fazem não querer deixar a Domus!

Este é o texto que quis escrever para que nunca nos esqueçamos destas mães!

Obrigada a cada uma de vós que têm tornado esta estadia longe de casa, tão mais feliz!

Um xi-coração do tamanho do Mundo de quem só vos terá sempre a agradecer!

Gosto muiiiiiiiiiiiiiito de vocês, mães!

Catarina Negrão

S. Brás Alportel / 5º ano Medicina UL

*p.s.: Obrigada Mãe por me teres obrigado a vir para a Domus!
Obrigada Avó por teres obrigado a minha mãe a vir para a Domus!*

Tudo tem o seu Tempo

¹Para tudo há um momento e um tempo para cada coisa que se deseja debaixo do céu:

²tempo para nascer e tempo para morrer,

tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou,

³tempo para matar e tempo para curar,

tempo para destruir e tempo para edificar,

⁴tempo para chorar e tempo para rir,

tempo para se lamentar e tempo para dançar,

⁵tempo para atirar pedras e tempo para as juntar,

tempo para abraçar e tempo para evitar o abraço,

⁶tempo para procurar e tempo para perder,

tempo para guardar e tempo para atirar fora,

⁷tempo para rasgar e tempo para coser,

tempo para calar e tempo para falar,

⁸tempo para amar e tempo para odiar,

tempo para guerra e tempo para paz.



Livro do Eclesiastes, 3